O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 35.º — Sábado, 16 de Janeiro de 1943 — N.º 1767

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto Agência Havas

DESTINO PORTUGUÊS

A vida dos homens, como a das nações, é condicionada pelo determinismo de múltiplas circunstâncias cuja destrinça marca, para uns e outros, uma linha geral de conduta a que se usa chamar-se o destino. Dêle se inferem normas de conduta perante aquêles problemas que, preocupando no correr dos tempos a actividade humana, vincaram claramente um caminho a seguir—para as consciências e para os Estados.

Os homens e as nações cujo sentido de vida, quere dizer, caminho e orientação de existência, não tenha sido definido em obediência a princípios certos, subordinados ao valor moral e ao conceito valorativo do humano, não poderão esperar, no futuro, aquêle conjunto de benefícios a que licitamente aspiram homens e nações cujos actos se subordinam àquêles imperativos espirituais.

Daí, o efémero cotidiano duma era contraditória—a que vivemos—em conflito com a continuïdade lógica daquelas existências históricas cujas raízes se fincam no tempo, cuja orientação se projecta em linhas nítidas no futuro.

E' o caso de Portugal—país pequeno na terra da Europa, grande no espaço do Mundo, incomensurável no inventário da História. Êle se criou e se fêz Império—das origens remotas de Braga e Portucale ao apogeu do sonho do Navegador; de Afonso Henriques até hoje—à sombra de certezas indestrutíveis: certeza da vida, primeiro; sua ambição, depois; continuïdade sempre.

Uma vocação independente, missão humanista de civilizar, mística profunda de imortalidade. Criou um lugar próprio na Europa, retintamente europeu, selado na fraternidade de armas com a Espanha em Navas de Tolosa e no Salado. Abraçou o Mundo no sulco das suas caravelas e firmou—com a nação que a si mais se assemelha—a aliança velha e sempre nova com a Inglaterra. E porque era preciso mais, porque o exigia o destino, a sua missão o impunha, espalhou pelo Mundo o melhor de si mesmo, da sua cultura, do seu esfôrço, nessa dádiva total de que nasceu o Brasil, membro, com Portugal, do Império do Atlântico. Como sempre, são ainda hoje essas constantes de vida cultural e política, que Salazar tão nitidamente marcou perante o Brasil, a Inglaterra e a Espanha, que dominam as atitudes de um povo senhor de si próprio, cujo destino, subordinado ao mundo dos valores espirituais, continua, imutàvelmente, a ser de benefício para si, de serviço para todos.

O TEMPO

Tem feito inverno, muito inverno, esta semana. Quer de noite quer de dia, desde domingo, não faltou a chuva nem o vento. As águas da ria cresceram e, nalguns pontos, saíram fora do leito. Registam-se alguns prejuízos, mas de pouca monta.

Enquanto assim fôr não há razão de queixa.

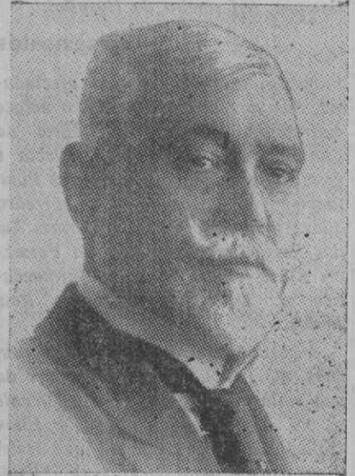
A morte do tenente Coelho

chefe militar da revolta de 31 de Janeiro de 1891 na cidade do Porto

Baqueou aos 85 anos. Depois de ter sofrido desgôstos sem conta, o último dos quais e, decerto, o maior, a perda da esposa, é formidável!

O tenente Coelho! Simpática figura de militar e de revolucionário!

Conhecemo-lo desde que se salientou, como a outros companheiros, na memorável jornada republicana de há 52 anos, da qual fôra um dos chefes, assumindo, depois do malogro, sem hesitar e pesante o Conselho de Guerra, a que o submeteram, as responsabilidades inerentes ao seu acto de invulgar coragem.

A circunstância de, desde estudante,

CORONEL MANUEL MARIA COELHO

germinarem nêle ideias anti-monárquicas, levaram-no a manifestar-se já, em 1890, por ocasião do *Ultimatum*, de maneira a sofrer contínuas transferências de unidade para unidade até que foi ter ao regimento de Infantaria 10, aquartelado no Porto.

O Partido Republicano, mercê da sua activa propaganda, tinha na capital do norte um baluarte.

João Chagas, como panfletário, era um dos mais audaciosos agitadores das massas e ao tenente Coelho acompanhavam-no, como colaboradores mais próximos, o capitão Leitão e o alferes Malheiro.

Na hora própria, isto é, quando a revolução saiu para a rua, o tenente Coelho, marchando à frente da coluna que comandava, bateu-se e afirmou a sua personalidade.

Prêso, cumpriu, em Angola, a pena de 5 anos de degrêdo, após o que regressou ao continente, em 1896, para tentar outro movimento.

Desgostoso, porém, e desiludido, voltou para a A'frica, onde alcançou largo prestígio pela honestidade do seu carácter e espírito de iniciativa. Todavia, a ideia fixa na implantação da República não o abandonava. A Metrópole seduzia-o, chamava-o. Veio mais uma vez. Não sendo já oficial do Exército, entregou-se ao comércio como maneira de ganhar a vida. Mas vendo que novas tentativas revolucionárias não alcançavam possibilidades de êxito, êle aí vai, outra vez, para as colónias, só de lá regressando após o 5 de Outubro de 1910.

O tenente Coelho da revolução do Porto passou, então, a coronel Manuel Maria Coelho, pôsto em que a Morte veio ao seu encontro, levando-o do mundo.

Dentro das instituïções vigentes foi deputado e presidente do Govêrno saído da revolução de 19 de Outubro, que, como tôdas as dessa época, teve vida efémera. Entrevistado um dia, queixou-se do apreço em que eram tidos os seus sacrifícios pela causa republicana, afirmando ao jornalista:

—Garanto-lhe sob palavra de honra, que até fome passei! E isto depois de implantada a República!...

O coronel Manuel Maria Coelho orgulhava-se de possuir, apenas, a medalha de bronze comemorativa do 31 de Janeiro, honrosa distinção só conferida aos combatentes dêsse patriótico movimento, e de colaboração com João Chagas, publicou a *História da Revolta do Porto* com o sub-título—*Depoimento de dois cúmplices*.

O funeral do extinto realizou-se, no domingo, para o cemitério do Lumiar, tendo-se incorporado nêle alguns amigos, além de grande número de pessoas dos antigos partidos políticos.

O Democrata, em homenagem ao sacrificado de 1891, curva-se perante os seus despojos.

A situação de "O Democrata,,

é a situação de tôda a Imprensa Regionalista — proclamam alguns dos nossos colegas, verdadeiramente alarmados com o que se está vendo

Ninguém o duvide: a imprensa da província está passando uma época de dificuldades como nunca atravessou. Lá mais para diante contaremos, de maneira a mostrar como é eriçada de surprêsas sôbre surprêsas a vida dum jornal. E então a de *O Democrata*... Contudo ainda esperamos vencer esta crise, animados com os triunfos atrazados e — porque não dize-lo? — com o encorajamento dos amigos.

E' grave, muito grave, mesmo, a situação em que nos debatemos e da qual já resultou suspenderem alguns periódicos, que honravam, dignificavam as terras onde viam a luz da publicidade. Lamentando que assim tivesse acontecido, devemos todos esforçar-nos por reagir, embora fazendo os máximos sacrifícios—não esmorecendo à primeira. Quanto a nós, estamos nessa disposição. Lutar, é viver. E aqui a luta tem sido ingente, árdua, por vezes, para que possamos estranhar o emaranhado de dificuldades que tanto nos dificultam a existência.

Dispostos a tôda a espécie de sacrifícios, pois, necessitamos, no entanto, que nos auxiliem, moral e materialmente, consistindo a segunda parte nas assinaturas e anúncios visto não termos outra fonte de receita.

Cartas a uma amiga de longe

Janeiro, 1943

Minha querida:

Depois que a paz do mundo foi crucificada por imposição dos deuses infernais, sequiosos de sangue e vidas, parece à primeira vista que também foi arrastada do orbe a sensibilidade humana.

Fala-se em destruïções e mortes e embora olhemos cruel e horroroso o que se passa de sofrimento e miséria por êsse mundo fora, não sentimos aquela repulsa confrangedora, tantos os jornais no-las têm narrado. Todos os dias, pelo menos vão para o fundo barcos cheios de pessoas ou se despenham no solo aviões gigantes, que também não vão vasios. E dizem os comunicados que se perderam tantos barcos, que caíram tantos aviões, mas das pessoas que iam dentro nem se fala, talvez porque a máquina humana é bem mais numerosa e barata do que o material de guerra...

E os pacifistas têm de se calar e ficar quietos perante esta bárbara carnificina, já que têm mais fôrça os que se prostam, reverentes, aos pés «daquêle monstro que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas, e quanto mais come e consome, tanto menos se farta»...

Eu dizia-te que o hábito parece ter morto a sensibilidade humana, acostumando-nos a êste ambiente de dôr e sofrimento. Sim; acostumou-nos e ainda bem, mas, felizmente, a sensibilidade está apenas um pouco amortecida. Assim como há casamentos de guerra, lucros de guerra, isto e aquilo de guerra, é justo que haja também sensibilidade de guerra. E há... Seria, no entanto, bem desagradável que ela tivesse desaparecido completamente, atirando-nos para a galeria dos indiferentes e insensíveis.

Nada disso, graças a Deus. E vê como todos sentimos um arrepio ao ler nos jornais aquêle terrível incêndio de Boston, que ceifou centenas de vidas.

A semana passada, houve também, mas cá em Portugal, uma tragédia horrorosa. A do avião que, num vôo de experiência, caiu no Tejo, morrendo treze pessoas, algumas portuguesas. Os jornais deram a notícia e o desastre impressionou a todos. Algumas das vítimas eram pessoas que só o espírito de aventura e o desejo de sensações fortes levou para ali. Era o Destino que estava contra elas e contra a sua fôrça esmagadora nada há a fazer.

Perdeu-se um avião, perderam-se vidas, mas desta vez a notícia não se leu com a indiferença com que se olham os comunicados das frentes de batalha. A' leitura dêstes preside a tal *sensibilidade de guerra*, às outras notícias trágicas a sensibilidade de cada um e essa, felizmente, nem o hábito a mata.

Um abraço da

Zèmi

O preço do vestuário

Na folha oficial foi publicada uma portaria, estabelecendo alguns tipos-padrões de fabrico obrigatório de tecidos para vestuário, assim como aconteceu para o calçado.

Oxalá, na prática, estas medidas deem o resultado preciso, de forma a evitar a exploração dos negociantes pouco escrupulosos na hora conturbada que atravessamos.

Delegação da Alfândega

Para a vaga do sr. Cruz Ferreira, que, como dissemos, foi colocado na capital, veio do Porto chefiar a delegação aduaneira desta cidade o sr. dr. Manuel Ribeiro da Costa, médico e funcionário superior das Alfândegas, que já se encontra em exercício.

Cumprimentamo-lo.

Atenção para a 4.ª página

ESTUDOS REGIONAIS

História da terra aveirense

Geologia do Quaternário

pelo dr. Alberto Souto

XV

A questão do Homem terciário, questão que apaixonou os meados do século XIX e que por momentos pareceu resolvida no sentido positivo, foi posteriormente dada por liquidada com o descrédito dos *eólitos* no sentido negativo. Modernamente, porém, nota-se uma tendência quási geral para se admitir a possibilidade da existência do ser humano já nos tempos terciários, havendo antigos eolitófobos que se tornaram em eolitófilos. Para muitos prehistoriadores e paleontologistas ingleses o Homem terciário é um facto demonstrado, mas a maioria das opiniões é contrária, por falta de prova concludente da existência humana nas camas terciárias. Ou não se consideram os *eólitos* como instrumentos ou não se consideram terciários os terrenos onde aparecem os mais rudes utensílios.

«A despeito das recentes descobertas, no *red crag* de Ipswich (Inglaterra), de sílices lascados que foram atribuídos por alguns arqueólos (entre os quais o eminente professor Breuil, até há pouco considerado *eolitófobo* intransigente) ao trabalho humano, não falta ainda quem veja nos *eólitos* documentos insuficientes para a demonstração da existência do Homem ou dum ser quási humano na era terciária», escreve o sr. Dr. Mendes Corrêa, que acrescenta:

«Os limites estratigráficos entre o plioceno superior e o quaternário inferior são pouco precisos, havendo níveis atribuídos por uns geólogos ao primeiro e por outros ao segundo.

Por outro lado, não é possível distinguir *eólitos* porventura autênticos de *pseudo-eólitos*, resultantes de causas naturais, como o choque das vagas e das águas correntes, pressões de terrenos, causas térmicas, talvez mesmo choques produzidos inconscientemente por outros animais.

Foi absolutamente concludente uma experiência famosa numa fábrica de cimento de Mantes, em que se reproduziu artificialmente um turbilhão natural, obtendo-se belos exemplares líticos, que foram classificados *eólitos* autênticos por arqueólogos que desconheciam a sua proveniência.

Enfim, apareceram supostos *eólitos* em terrenos duma data, como o eoceno, em que a Paleontologia não acusa, dos Primatas, senão formas muito inferiores da ordem, correspondentes aos Lémures actuais!»

Por seu turno, o ilustre prehistoriador sr. P.e Eugénio Jalhay, estudando na *Brotéria*, em 1935, *a localização das indústrias pre-históricas no quadro geral das glaciações quaternárias*, diz:

«O interêsse pelo conhecimento das origens do homem tende a intensificar-se cada vez mais, não só nos centros de cultura mas até mesmo entre o público em geral...

Uma das questões mais debatidas tem sido a da antigüidade do homem. Terá êle aparecido já no terciário? Datará apenas do quaternário?...

Argumento interessante para datar o homem do terciário seria o dos eólitos, se de facto se comprovasse simultâneamente a idade terciária do terreno em que se encontram, e o trabalho dum ser inteligente no levantamento das suas lascas, retoques, etc. Essa questão já prendeu mais a atenção dos pre-historiadores; a complexidade dos problemas do quaternário oferece hoje ao seu estudo matéria, não digo já de maior importância, mas ao menos de bases mais sólidas.

Se em estratos terciários encontrássemos um fragmento, por pequeno que fôsse, de crânio humano fóssil, êsse fragmento *«ferait bien mieux notre affaire»* como diz o director do Instituto de Paleontologia Humana, de Paris.»

Vayson de Pradenne explica que os *eólitos* correspondem a um ponto de vista muito lógico do nosso espírito: pensa-se que antes de fabricar verdadeiros utensílios, isto é, antes de dar a uma pedra a forma conveniente a um uso preciso, o Homem devia ter começado por empregar as pedras cortantes ou ponteagudas tais quais êle as encontrava. Depois, sem lhes modificar verdadeiramente a forma, tê-las-ia acomodado localmente tirando-lhes algumas esquírolas e praticando retoques de acomodação; por fim teria elaborado por si mesmo formas muito simples.

Partindo desta idea preconcebida, os coleccionadores e investigadores de eolitos vão aos terrenos que lhes parecem de data geológica conveniente e descobrem com muita facilidade peças que correspondem às suas concepções.

Jacques de Morgan apresenta-nos outra teoria. Quando, pelo seu desenvolvimento cerebral o Homem era ainda visinho do animal, sonhava já certamente nos meios de munir o braço com uma arma capaz de acrescentar as suas fôrças de ataque e de defesa. A pouco e pouco lhe sobreveio a idea de adaptar às suas necessidades as armas que o meio lhe fornecia. Utilizou então um ramo, esgalhando-o da árvore, e desbastou a pedra, tornando-a cortante, criando utensílios grosseiros para os quais se propôs o nome de eólitos.

Morgan admite a veracidade dos

CALENDÁRIO

Da embaixada britânica, em Lisboa, recebemos um, colorido, de parede, que é dos mais sugestivos que têm aparecido nos últimos tempos.

Agradecemos.

IMPRENSA

Defesa de Arouca

Entrou no 18.º ano êste bem redigido confrade, acérrimo defensor dos interesses do concelho onde se publica e que tem por director o sr. Henrique de Almeida.

Nasceu, diz, numa época conturbada da vida daquela terra do nosso distrito. Singrou e pouco falta para atingir a maior idade, dando sempre boa conta de si. Pois então receba as nossas felicitações, que são cordeais e muito sinceras.

Jornal de Sintra

Para comemorar o 10.º aniversário, publicou êste semanário um número especial, ilustrado, com colaboração variada e interessante, a principiar pelo artigo—*Confidências*...—do seu director, sr. António Medina Júnior, dedicado aos Pais—verdadeiros apóstolos do trabalho, da dignidade e da honra.

Escusado será dizer que, seguindo o filho as pisadas dos seus progenitores, *Jornal de Sintra* marca logar de destaque entre a imprensa provinciana, pelo que não faltam dedicações a amparar-lhe a existência.

Receba também os nossos cordiais parabens.

Santos Mártires

E' hoje o seu dia, fazendo anos que na ria, em frente à Torreira, se viraram, ao fim da tarde, alguns barcos com rómios, vindos de Travassô.

Morreram bastantes.

As andorinhas

Se nos tivessem dito que haviam chegado a Portugal e esvoaçavam já por terras do sul, onde a temperatura costuma ser mais quente, não acreditávamos. Todavia, leitor, as andorinhas adiantaram-se êste ano na viagem e ei-las em Aveiro! Vimo-las, faz hoje oito dias, logo de manhã, a chilrear alegremente, como se estivessemos em plena Primavera!

Mas, coitadinhas! Devem ter passado inclemências sob o rigoroso inverno que vieram encontrar. A menos que o prefiram ao cheiro a chamusco...

eólitos, de cuja existência se não pode duvidar, mas intende que não temos forma de os distinguir com segurança das pedras estaladas ou partidas pelas fôrças naturais. Do que Morgan duvida, é de que êstes instrumentos primitivos estivessem em uso na época terciária, como certos arqueologos pretendem.

De facto a autenticidade dos *eólitos* não está adstricta aos tempos terciários e sendo difícil como é a distinção nítida de alguns terrenos terciários dos quaternários, é bem possível a confusão.

Em 1867 o padre Bourgeois julgou vêr talhe intencional em silices do nível aquitaniano de Thenay (Loir-et-Cher). Em 1871, Carlos Ribeiro, o fundador da nossa geologia, encontrou-os nas proximidades de Ota, no vale do Tejo. O geologo e pre-historiador belga Rutot foi um dos grandes entusiástas e defensores da autenticidade dos *eólitos* terciários que considerava não só como representando os primeiros ensaios do Homem no talhe do silex, mas ainda como constituindo uma indústria especial que teria aparecido no Plioceno e continuado até aos tempos modernos paralelamente às outras indústrias da pedra. Esta hipótese, porém, não teve qualquer confirmação em factos, achados ou documentos.

Veremos no artigo seguinte como o caso se passou em Portugal, isto é, como se acharam os *eólitos* conhecidos pela designação de Ota, nas proximidades de Alenquer, e as discussões que à volta do assunto se travaram e que serviram, pelo menos, para dar glória e realce à ciência portuguesa pelas alturas de 1880.

NO BOM COMBATE

Enquanto nos mares em guerra, o pavilhão de combate das potências beligerantes flutua no mastro real das grandes unidades de superfície; enquanto nos mares em guerra, os submarinos imergem para recolher os náufragos dos combóios feridos de morte, a nossa Marinha Mercante percorre, por sua vez, os oceanos—mas ao serviço da economia nacional. Nesta missão de bem servir, os bravos marinheiros são assíduos cooperadores dos rurais da terra portuguesa.

Uns e outros são esforçados paladinos da campanha económica, porque servem idêntico objectivo: porque se esforçam por minorar as dificuldades que a inconsistência do momento presente gera cada dia mais; porque, enfim, trabalham na terra e no mar, sem canseiras que vençam ou desânimos que ruam a sua missão humanitária: servir a família portuguesa!

APROVEITANDO OS RESTOS...

As estatísticas dizem que, na Inglaterra, desde o princípio da guerra até ao fim de Setembro de 1942, se aproveitaram 456.366 toneladas de restos de comida que, em vez de irem para a pia ou para o caixote do lixo, deram alimento a muitos milhares de suínos, galinhas e outros animais domésticos e aves de criação.

Trágica experiência

Um hidroavião da carreira comercial inglesa, depois de sofrer alguns reparos de que necessitava, em Lisboa, levantou vôo, no sábado, para experiência, com 15 pessoas dentro. Ao descer, porém, antes de poisar no Tejo, incendiou-se, havendo a lamentar nada menos de 13 mortes. Só escaparam dois dos seus ocupantes, portanto.

Foi o maior desastre de aviação até hoje registado no nosso país, admirando-nos que se tivesse consentido no transporte de passageiros sem primeiro os técnicos dizerem da sua justiça.

Facilidades.

O DEMOCRATA vende-se no Kiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO.

Aos nossos assinantes

Pedimos o favor de não deixarem devolver os recibos apresentados pelo correio, tendo em atenção o aumento de despeza que isso nos acarreta e bem assim o trabalho administrativo do jornal, que não é pequeno.

Agradecemos.

Crónica alfacinha

Aquela mulher de calças...

Via subir lentamente o Chiado, indiferente a quantos olhares paravam a contemplá-la.

Talvez essa curiosidade fôsse excitada pela sua *toilette*, porque vestia uma calça cinzenta com riscas escuras, jaquetão da mesma côr, camisa azul e gravata escura.

Acompanhava a outra senhora mais forte e alta, mas vestida de saias.

Se falassem uma língua estrangeira não me teria admirado tanto; mas porque as ouvi falar português, ao vê-las entrar na Brazileira entrei também e, curiosa como tôdas as mulheres, fui sentar-me numa mesa ao lado da que ocupavam disposta a não perder uma das suas palavras e movimentos.

Num movimento rápido passou a mão pelos cabelos louros, soltos e de fundas e simétricas ondas, tirou do bolso interior do jaquetão uma pequenina cigarreira de prata, de dentro dela um cigarro que acendeu vagarosamente e olhou em volta. Olhos azues, bonitos, que brilhavam na pele dum moreno claro.

Não vou repetir *ipsis verbis* o diálogo que tiveram; seria ser demasiado indiscreta. Mas soube que era casada e tinha uma filhinha de cinco anos. Passara a noite no Casino onde ceara, dançara e, por fim, jogara e perdera.

Aborrecida com êste último motivo não regressara a Lisboa logo, passando a manhã em casa duma outra amiga onde almoçara e só depois resolvera voltar à residência. Como, porém, se aproximava a hora do chá lembrou-se de telefonar para quem a acompanhava, pedindo-lhe para ir com ela. Só depois iria para casa. A filhinha estava entregue à *mademoiselle* e o marido devia certamente já ter saüdades dela.

Do meu estudo sôbre esta senhora e tantas outras que procedem da mesma forma, concluo duas coisas: primeira, a maneira ridícula e inconsciente como a mulher portuguesa imita, em tudo e por tudo, a estrangeira, sem pensar se êsses costumes se poderão adaptar à nossa raça, temperamento e hábitos; segunda, a tendência que a mulher tem a masculinizar-se, deixando o seu campo heróico e belo de feminina.

E penso então: que educação feminina terão àmanhã os filhos destas mulheres? Que préstimo dá à sociedade esta espécie de senhoras?

Tristes quadros nos apresentam semelhantes seres!...

de Palermo

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, o sr. João Evangelista de Campos, guarda-livros da Cerâmica Aveirense, do Canal de S. Roque; àmanhã, a sr.ª D. Laura Adelina de Morais Sarmento, dilecta filha do sr. João de Morais Sarmento, digno escrivão de Direito; no dia 18, os srs. Luís Lopes dos Santos e Armando S. da Silva Afonso, escriturário da Direcção de Estradas da Guarda; em 21, o sr. Armando Dewis Pinto, filho do sr. Alberto Vaz Pinto, 1.º sargento de Cavalaria 5; e em 22, os srs. António José Flamengo e João da Silva Campos, enfermeiro do Hospital.

Casamentos

Na igreja de S. Gonçalo efectuou-se, domingo de madrugada, o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria da Conceição Soares de Pina, dilecta e gentil filha do sr. Antero Simões Pina, funcionário superior dos correios, aposentado, com o sr. dr. Hermes Ala dos Reis, director técnico da Farmácia Ala e filho do também farmacêutico sr. Domingos João dos Reis Júnior.

À cerimónia assistiram, apenas, pessoas de família dos conjuges e da sua maior intimidade, nomeadamente os srs. Amadeu Ala dos Reis e Elias Gamelas de Oliveira Pinto, que testemunharam o acto, as sr.as D. Elisiária Belmonte Pessoa, D. Julieta Pessoa, D. Leontina Pina, D. Irene Pina, D. Cândida Robalo, D. Dalila Ala dos Reis e D. Lígia Ala dos Reis e os srs. tenente José Augusto Rodrigues de Almeida, Eduardo Cerqueira e Carlos Souto e esposas, Artur Reis e filha, dr. Querubim Guimarães, Décio Cerqueira, etc.

Em casa do pai da noiva, no Rossio, foi servido, no regresso da igreja, um fino e abundante copo de água, durante o qual se trocaram brindes, enaltecendo os predicados dos recem-casados, que partiram, em seguida, para Viana do Castelo, onde passaram a lua de mel.

Na corbeille, guarnecida de lindas prendas, sobressaíam algumas da maior utilidade.

Aos noivos, a quem não faltam requisitos para a felicidade do lar que acabam de constituir, desejamos tôdas as venturas.

Partidas e Chegadas

Tendo sido nomeado informador fiscal para Castelo Branco, retirou desta cidade, onde fez serviço na Secção de Finanças, o sr. Herminio de Matos Fialho, que durante a sua permanência entre nós só conquistou simpatias.

Felicitamo-lo ao mesmo tempo que lamentamos a sua ausência.

—Estiveram nesta cidade os srs. dr. Melo e Castro, nosso colega do Povo da Beira, de S. Pedro do Sul; António Maria Espanhol, de Rio Tinto; João Simões de Pinho, de Cacia, e Francisco José Pinto e Alcino Pinto, aluno dos Pupilos do Exército e ambos filhos do sr. Alberto Vaz Pinto, 1.º sargento de cavalaria 5.

Doentes

Tendo adoecido, esteve no Hospital, de onde seguiu para a companhia de seu sobrinho o sr. Rodrigo Ferreira, secretário de Finanças em Oliveira do Bairro, a sr.ª D. Severina de Morais Ferreira, que ali continua em tratamento.

Desejamos as suas melhoras.

Apêlo à lavoura

Mais do que nunca, tem hoje o Estado necessidade de saber o montante da sua riqueza pecuária, especialmente no que diz respeito ao gado bovino, não só porque se trata de espécie muito valiosa, mas também porque sendo Portugal um país agrícola, dêste ramo da economia tem de fazer completo inventário a-fim-de melhor conhecer e solucionar os inúmeros problemas com que nos afecta a guerra. Por isso se deliberou que fôsse manifestado todo o gado bovino existente em 31 de Dezembro findo, como medida estatística de orientação e não com fins fiscais ou quaisquer outros, semelhando-se a medida de agora, no seu espírito e alcance, ao arrolamento de gados e animais de capoeira feito já em 1940.

Tendo o Estado necessidade de conhecer exactamente as suas disponibilidades em produtos essenciais à vida, de esperar é que a lavoura, sempre pronta a corresponder aos apêlos do Govêrno, cumpra mais êste dever, manifestando nas regedorias que abrangem os locais onde se encontra o gado, os animais de raça bovina existentes na referida data.

Qualquer êrro ou falsa declaração, dando lugar à aplicação de multas, deve ser evitado, a-fim-de se pouparem dissabores aos proprietários do gado e prejuízos à acção do Govêrno, viciando o seu intento.

Em defêsa do consumidor

Os mínimos desmandos, os mais ligeiros assomos de egoísmo e de ganância, por parte de alguns, podem perturbar o equilíbrio económico que o Govêrno incansàvelmente procura manter em benefício de todos. São indispensáveis de registar quantos esforços proficuos concorrem para manter a atmosfera de excepção que Portugal respira, excepcional numa época difícil como a que atravessa o Mundo.

Entre as várias actividades desenvolvidas em prol dos direitos do consumidor, importa referir a da Inspecção Geral das Indústrias e Comércio Agrícolas, tanto mais que ela não se limita a fiscalizar disposições respeitantes ao mercado interno. As exportações e importações ilícitas, sempre condenáveis, assumiriam no presente instante—em que só o Govêrno pode avaliar donde, para onde, contra o quê e em que medida convem efectuá-las—um gravíssimo carácter, se as autoridades não estivessem atentas, para enèrgicamente travar criminosos apetites de qualquer mau português.

Bom é que todos os portugueses não só compreendam e agradeçam a útil e porfiada tarefa das autoridades, mas a secundem e a auxiliem também, na sua esfera de acção, policiando ao menos os seus próprios impulsos.

Falta de azeite

O precioso líquido desapareceu quási completamente do mercado e o pouco que se encontra paga-se por bom preço.

E' a guerra a dificultar a vida por tôdas as formas e maneiras.

Quando termirará ela para que entre a normalidade nos espíritos e nos orçamentos caseiros?

O azeite pertence ao número dos artigos que mais falta faz por também ser usado como combustível visto a dificuldade em se obter petróleo e velas.

Atenção para a 4.ª página

Uma canção

A Emissora Nacional, tendo radiofundido, ante-ontem ao meio dia, a linda canção intitulada *Mar Alto*, fez recordar a muitos aveirenses o nome do seu autor—Mário Faria da Fonseca—que aqui foi funcionário de Finanças, distinguindo-se como exímio violinista.

Teve Benetó por professor e há anos que uma doença mental o afastou do convívio dos seus amigos.

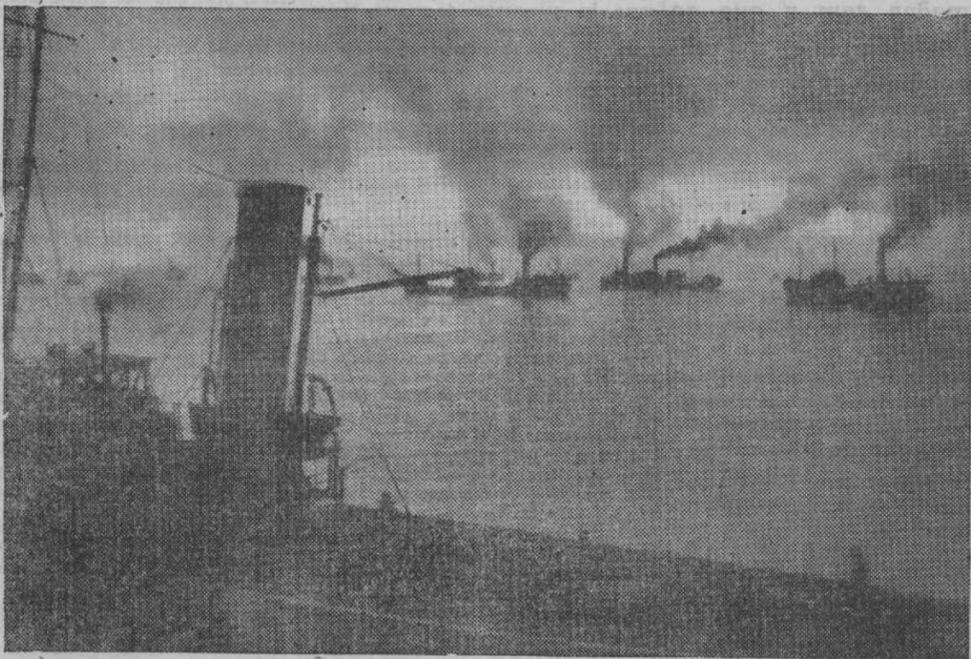
Companhia Rentini

Deve chegar a Aveiro, na próxima semana, contando aqui dar alguns espectáculos, esta companhia que fará a sua estreia com a revista *A Tempo e Horas*.

Visitai o Parque da Cidade

Abastecimento nacional...

No Condado de Essex, nos formosos campos a sudeste da Inglaterra, há 124 importantes agrupamentos destinados ao desenvolvimento intensivo dos produtos hortícolas, 65 agrupamentos que se ocupam com a criação de suínos, 52 que se interessam pela criação de coelhos e 14 que atendem à criação de galinhas e outras aves de capoeira. Assim se cultiva e recolhe, do seio generoso da terra, porção considerável daquilo que ali se come, e pode dizer-se que o problema dos abastecimentos foi resolvido.

A' MARGEM DA GUERRA

UM COMBÓIO NAVAL INGLÊS NA HORA DA PARTIDA, ESCOLTADO POR NAVIOS DE GUERRA E A COBERTO DA R. A. F.

Carta de Lisboa

Viagem triunfal

Na sua chegada a Lisboa após a visita magnificamente triunfal que fez às nossas principais províncias ultramarinas, o sr. dr. Francisco Vieira Machado, ilustre ministro das Colónias, pôde apreciar, na recepção que lhe foi dispensada, o grande e compreensível interesse com que todo o país seguiu a sua digressão pelas terras de Além-Mar, que teve não só o condão de mais intimamente estreitar as relações entre a metrópole e as províncias ultramarinas, como também consolidar as boas relações de amizade que unem as nossas colónias aos domínios seus visinhos. Por isso nas breves, mas bem precisas palavras que pronunciou ao microfone da Emissora Nacional, quando da sua chegada, referindo-se especialmente a êste aspecto da sua viagem, aquêle ilustre membro do Govêrno pôde dizer:

As homenagens cativantíssimas de que o Ministro das Colónias foi objecto no Congo Belga, na União Sul-Africana e nas Rodésias do Sul e do Norte provam o alto prestígio do nome português e a excelência das nossas relações com os prósperos países e colónias nossos visinhos ao sul do Equador, graças à política internacional genialmente seguida por Salazar, considerado um dos maiores homens do Mundo contemporâneo.

Parece-nos que a estas palavras, que tão bem sintetizam o valor da viagem do ministro das Colónias, no aspecto internacional — chamemos-lhe assim—nada há, em verdade, a acrescentar.

O centenário de D. Rodrigo da Cunha

Lisboa celebrou, há pouco, discreta mas dignamente, o 3.º centenário da morte dum dos seus mais ilustres filhos: o Arcebispo de Lisboa, D. Rodrigo da Cunha, sem dúvida um dos maiores e mais esforçados obreiros da revolução restauracionista de 1640. Fazendo-o, a nossa primeira cidade soube mostrar o quanto aprecia o valor dos que à Pátria deram glória, sabendo impôr-se pela sua benemerência patriótica.

Teatro de D. Maria II

A nomeação recente de Luiz Pastor de Macêdo para Comissário do Govêrno junto do Teatro Nacional de D. Maria II, veio novamente pôr em relêvo o cuidadoso interêsse que no Estado Novo se escolhem os homens para ocupar os lugares.

Luiz Pastor de Macêdo é um homem de letras que a Lisboa e à sua história tem dedicado a maior e mais amorosa actividade. A sua passagem pela Câmara Municipal e por outros lugares de responsabilidade onde tem sabido impôr a sua cultura e alto valor, são suficiente garantia da maneira como irá desempenhar esta nova comissão.

CORDEIRO GOMES

NATAL LEGIONÁRIO

A exemplo do que já fizera no Natal de 1941, a Comissão de Assistência da LEGIÃO PORTUGUESA estendeu em 1942 a sua acção a um maior número de pobres, tendo distribuido farto bôdo a 48 famílias de legionários e 142 famílias estranhas à corporação.

Cada família recebeu arroz, açúcar, bacalhau, batatas, café, pão e borôas do Natal, além de uma importância em dinheiro. A's creanças dos legionários fôram distribuidas roupas de agasalho, atingindo o total de 150 metros de flanelas.

Além de tôdas aquelas famílias fôram contempladas mais 30 com 10$00 cada uma e 148 com uma quantida de de pão, sendo, assim, socorridas 368 famílias necessitadas da cidade e arredores.

Assistiram à distribuição os srs. Comandante Distrital, dr. Juiz da 1.ª Vara, dr. Querubim Guimarães e esposa e dr. Humberto Leitão e esposa, assim como muitos legionários, tendo todos ficado satisfeitos com a maneira como a Assistência da L. P. cumpre os seus deveres.

NECROLOGIA

D. Laura Botelheiro

Devido a um parto difícil, sucumbiu terça-feira, pelas 21 horas, depois de doloroso sofrimento, a sr.ª D. Laura Maria Gago da Câmara Leandres Perestrelo Botelheiro, que para esta cidade veio residir, há anos, com seu estremoso marido, o sr. dr. José Perestrelo Botelheiro, actual juiz de Direito da nossa comarca.

A ilustre senhora, que se distinguia pela elevação dos seus sentimentos e por dotes de coração e espírito que muito a enobreciam, desaparece aos 32 anos, apenas, deixando na orfandade quatro crianças que eram todo o seu enlêvo e mergulhando na maior consternação o integérrimo magistrado, que a idolatrava.

A sua morte causou em tôda a cidade a mais dolorosa impressão, não só devido às circunstâncias que motivaram o desenlace, mas também porque era uma senhora insinuante, que cativava pelo seu trato fino e pela maneira como se apresentava, dando também nas vistas pela simplicidade das suas *toilettes*, pelo seu aprumo e por outros atractivos, que a impunham à consideração e à estima das pessoas com quem privava de perto.

O seu funeral, realizado mesmo debaixo de chuva, ao anoitecer de quarta-feira, para o cemitério central, teve grande acompanhamento, vendo-se a família judicial largamente representada, um numeroso grupo de senhoras, funcionalismo público e pessoas de tôdas as camadas sociais, formando um extenso cortejo.

O Democrata apresenta ao sr. dr. Perestrelo Botelheiro sentidos pêsames.

* * *

Na Póvoa da Apegada (Alcácer do Sal) também se finou, a semana passada, com 63 anos, o antigo comerciante e proprietário, sr. António Alves Videira, que em tempos esteve estabelecido com loja de modas nesta cidade, onde residiu.

O extinto, era viuvo, irmão do sr. Firmino Alves Videira, também comerciante, e deixou um único filho, o sr. dr. José Videira, funcionário do Tribunal da Relação, da capital.

A ambos, as nossas condolências.

* * *

Faleceram mais: em *S. Bernardo*, José da Silva Valente, solteiro, de 32 anos, filho de Gabriel da Silva Valente; na *Povoa do Paço*, António Simões de Oliveira, viuvo, de 89, e na *Quinta do Gato*, Salvador da Silva Cascais, também viuvo, de 78.

Campanha carvoeira

Os efeitos naturais da guerra acentuaram-se ùltimamente entre nós—e não mais cêdo como noutros países neutros, mercê das providências adoptadas pelo Govêrno desde o rompimento das hostilidades.

Mas o bloqueio por parte das nações em luta, a carência de transportes, as dificuldades de permuta, neutralizaram, nalguns pontos, essas medidas oportunas.

Os combustíveis foram, sem dúvida, dos mais atingidos—porquanto o nosso país importava em grande escala, nos períodos normais, hulha, coque, petróleo, gazolina e gazóleo.

Estamos, por isso, compelidos a servir-nos da «prata da casa»; isto é: *intensificar ao máximo o fabrico de carvão vegetal, para suprir a falta dos produtos acima apontados.*

Esta nova campanha, a *campanha carvoeira*, vai começar dentro de poucos dias.

E' de admitir, pelas razões expostas, que será tão bem compreendida e seguida como a campanha agrícola—já em plena actividade, no campo prático.

Aves domésticas

Uma das maiores fontes de receita do criador rústico, rico ou remediado, são as aves.

Criadas ao ar livre, procuram no campo o alimento indispensável ao seu crescimento. Mas êste regime de liberdade não é suficiente para garantia de melhor venda nos mercados e feiras. Importa, portanto, que a alimentação procurada pelas aves domésticas seja reforçada com rações distribuídas de manhã, antes do *passeio* habitual, e à tarde, quando recolhem.

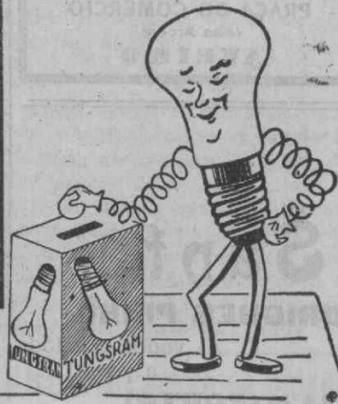
O criador sabe, pela prática, que as galinhas, frangos, perus, patos, etc. têm agrado especial pela verdura, que *é para as aves*—observa um técnico agrário—*o que o pão é para os homens.*

O regime de *verde* oferece estas vantagens, entre outras: regula o bom funcionamento do aparelho digestivo e fornece ao organismo apreciável dose de vitaminas.

Apontamos os vegetais mais comuns, e daí de mais fácil aquisição, para tal fim: espinafres, acelgas, alfaces, fôlhas de couve, repôlho, bróculos e trêvo, a-par-de pequenas misturas de milho, aveia, alimpadura, excelentes condutores de calorias.

«O Democrata»
ASSINATURAS
(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano)	30$00
Semestre	15$00
Colónias (Ano)	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso	$60

ANÚNCIOS
Mais duma publicação, contrato especial.

Correspondências

Oliveirinha, 14

Pela nossa Junta de Freguesia, da digna presidência do sr. Rafael Simões, foram hoje adjudicadas ao mestre de obras, sr. José Ferreira Dias, as seguintes:

A restauração completa da Fonte da Rua dos Melões, também conhecida por *Fonte do Vale*, com exploração de águas e construção de tanques-lavadouros; a restauração da Fonte do Largo da Feira, junto à estrada, porque a outra, do lado nascente, ainda há dias acabou de ser coberta. Fazem parte dos trabalhos de restauração desta fonte a exploração de águas e construção de tanques-lavadouros; a reparação e cobertura da fonte e tanques-lavadouros da Fonte da Moita; a colocação de três janelas novas e bem assim de três portas exteriores no edifício da escola do sexo feminino desta localidade e a reparação dos bancos que se encontram partidos no Largo do Conselheiro Castro Matoso e no Largo do Dr. António Emílio de Almeida Azevedo, da Costa do Valado.

Acaba também de ser reparada a estrada que vai da Granja ao Carrajão e que liga esta freguesia com a de Requeixo.

—Audaciosos larápios assaltaram, na noite de terça para quarta-feira, a nossa igreja, donde apenas levaram grande porção de azeite.

Deixaram tudo remexido.

—Depois de algum tempo de internamento no hospital de Aveiro, onde obteve melhoras da infecção de que foi vítima num pé, já se encontra entre nós, ainda em tratamento, o nosso estimado conterrâneo e amigo sr. Manuel Ferreira Canha.

—Adoeceu, com certa gravidade, o sr. Alberto Atanásio de Carvalho.

—Fez operação a uma hérnia no hospital de Aveiro, onde ainda se encontra em tratamento, o nosso amigo Duarte Tomás Vieira, filho do abastado lavrador sr. Macelino Tomás Vieira.

Estimamos as suas melhoras.

C.

Costa do Valado, 14

Tem chovido torrencialmente, por vezes, durante a semana o que só benefícios trás à lavoura.

—Faz àmanhã anos o filho do nosso amigo Albino Vieira dos Santos, de nome Albino Simões Vieira.

Parabens.

—Não foram ainda descobertos, nem talvez venham a sê-lo, os autores do roubo na capela de S. Tomé.

Prosseguem, porém, as deligências.

C.

Preza, 14

As chuvas tornaram de novo intransitável a estrada que há muito carece duma reparação condigna, sendo com dificuldade que nos podemos deslocar para qualquer parte.

Quando chegará o dia de a vermos consertada?

—Deu à luz uma menina a esposa do sr. António dos Santos Novo, a quem felicitamos.

—Completa, na próxima segunda-feira, 13 risonhas primaveras, a menina Aurora Marques da Conceição, filha do comerciante sr. João da Conceição.

Enviamos-lhe parabens.

C.